

A MULHER NA FESTA: REGRAS, COMPORTAMENTOS E EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO ÀS MULHERES NOS BAILES DE RIO GRANDE (DÉCADA DE 1950)*

MARINA PELISSARI**

RESUMO

Este artigo procura analisar o lugar da mulher nos bailes que aconteciam em Rio Grande na década de 1950. Por meio de “crônicas sociais” do jornal *Rio Grande* e de depoimentos de algumas freqüentadoras destas festas pode-se ter uma idéia de como se dava a diferenciação entre homens e mulheres nestes espaços e quais eram as regras e o comportamento esperado e adequado para as mulheres.

A cidade do Rio Grande experimentou, no final do século XIX e no começo do XX, um importante incremento na sua industrialização. As atividades comerciais da cidade formaram uma elite econômica e social que se consolidou com a industrialização. “Essa elite foi capaz de construir clubes, teatros, prédios suntuosos, assim como abrigar eventos culturais importantes de expressão nacional”.¹

De acordo com Ezio Bittencourt², junto com a industrialização e a urbanização da cidade nota-se o incremento da vida social. Atividades de lazer e cultura são oferecidas em diversos lugares com o aumento do número de teatros, bares, bibliotecas, clubes, sociedades musicais, jornais etc.³ Bittencourt diz que a disciplina rígida que mantinha as mulheres das camadas média e alta em casa se atenua e elas começam a participar mais da vida social.⁴

* Este artigo deriva de reflexões suscitadas durante a elaboração do trabalho de conclusão de curso em História – Bacharelado na FURG, intitulado *Festas de elite: sociabilidades, costumes e diferenciação nos bailes de Rio Grande (década de 1950)*.

**Graduada em História – Bacharelado pela FURG. Email: marinapelissari@gmail.com

¹ MARTINS, Solismar Fraga. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873–1990)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2006, p. 95.

² BITTENCOURT, Ezio. *Da rua ao teatro – os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2001.

³ BITTENCOURT, op. cit., p. 45.

⁴ Idem, p. 45.

Procura-se neste artigo analisar o papel das mulheres nas festas de elite que se realizavam em alguns clubes na cidade do Rio Grande (Clube do Comércio, Clube Caixaerial e Associação dos Empregados do Comércio), tidos como os mais “glamorosos” e “chiques”, freqüentados pelas pessoas mais ricas da cidade. Entendendo as regras e comportamentos esperados para participação das mulheres na vida social rio-grandina, pode-se ter uma idéia de qual era o lugar da mulher – ao menos das representantes de uma elite – nesta sociedade.

Evidentemente, no que tange aos costumes de uma época, há grandes diferenças entre o que era permitido ou proibido em 1950 e hoje em dia. Segundo os relatos obtidos, na década de 50 a maioria das moças deveriam se portar de maneira educada e polida, sempre se preocupando com sua reputação. As moças não fumavam, não tomavam bebidas alcoólicas, quase não usavam batom ou maquiagem e só podiam usar meias de seda a partir de certa idade⁵. Os flertes e namoros tinham um ritmo mais lento. Por exemplo, dar a mão ao namorado demandava algum tempo de conversa e convivência.

(...) Raras as moças que se pintavam, às vezes um risquinho no olho, porque não se usava. Quando as pessoas eram mais ou menos bonitas era por que eram mesmo, né, não eram esses artifícios assim, não se pintava cabelo (...)⁶

Era uma época que prezava muito os bons costumes e que parecia estar envolta em uma aura de elegância. Uma entrevistada fala com tom saudoso sobre como as maneiras de se portar também eram diferentes das atuais:

(...) era uma maneira diferente de ser da época de hoje. Havia, assim, um polimento, né, havia uma educação onde não tinha, assim, ofensas, não tinha palavrões, tu gostava de conversar com tranqüilidade, com postura, com educação, tu fazia curso pra tu poderes debutar na sociedade, tu tinha que fazer um curso de boas maneiras, um curso de postura...⁷

O artigo “Mulheres dos Anos Dourados”⁸, de Carla Bassanezi, descreve bem os costumes e regras dessa época. Ela diz que era exigido das moças solteiras um comportamento adequado para alcançar

⁵ Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 6, 8 e 9.

⁶ Entrevista de Carmem Bergamaschi Costa a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 jun. 2008, p. 8.

⁷ Entrevista de Glacy Serrat Leivas Miranda a Marina Pelissari. Rio Grande, 24 abr. 2008, p. 2.

⁸ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

seu principal objetivo, o casamento. As “moças de família” – que se comportavam corretamente, com gestos contidos, respeitavam os pais, não fumavam nem abusavam de bebidas alcoólicas, conservavam a inocência e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes – tinham a possibilidade de um “casamento-modelo” e o respeito da sociedade⁹. Já às moças chamadas “levianas”¹⁰ isso era negado. Estas usavam roupas mais ousadas, se permitiam intimidades com os homens e na classificação social estariam entre as “moças de família” e as prostitutas¹¹. Eram aquelas que os rapazes até namoravam, mas com quem não casavam¹². Diz Bassanezi:

O código da moralidade era de domínio geral e praticamente todos se sentiam aptos a julgar os comportamentos de uma jovem: os pais, os vizinhos, os amigos e amigas, os educadores, os jornalistas... A moralidade defendia a *boa família*, ou melhor, o modelo dominante de família.¹³

Assim como a maioria dos lugares públicos, os bailes também eram lugares com regras específicas, tanto em relação a quem poderia participar deles, quanto a como deveria ser o comportamento dentro deles. Pesquisando três clubes do centro da cidade – Clube do Comércio, Clube Caixeiral e Associação dos Empregados do Comércio – todos tidos como freqüentados pelas pessoas mais ricas da sociedade rio-grandina, percebe-se que apenas os associados e suas famílias poderiam ter acesso às festas. Faziam parte da família o pai, a mãe e filhos menores de idade. Os filhos maiores de idade poderiam pedir convites especiais, concedidos ou não por uma Comissão¹⁴. Era proibida a entrada de pessoas menores de 15 anos e necessária a presença dos pais para acompanhar filhos menores de 18 anos¹⁵. Na prática, porém, a exigência de os pais acompanharem os filhos menores de 18 anos parecia valer apenas para as mulheres.

Normalmente, as meninas só começavam a freqüentar os bailes depois de debutarem¹⁶, aos 15 anos, quando eram apresentadas à sociedade e dela começavam a “fazer parte”. Antes disso, elas não tinham a permissão dos pais nem a aquiescência da diretoria dos clubes

⁹ Id., *ibid.*, p. 610.

¹⁰ Id., *ibid.*

¹¹ Id., *ibid.*

¹² Id., *ibid.*, p. 612.

¹³ Id., *ibid.*, p. 613. Grifo da autora.

¹⁴ *Rio Grande*. Rio Grande, 1 fev. 1956.

¹⁵ Id., *ibid.*

¹⁶ Entrevista de Carmem Bergamaschi Costa a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 jun. 2008, p. 3.

para irem às festas. Algumas entrevistadas relatam que ficavam observando, dos cafés que existiam perto dos clubes, as pessoas entrando, mas não podiam fazer o mesmo¹⁷. Em certa parte de uma das entrevistas, uma senhora recorda que em 1952, 1953 ela já dirigia o carro de seu pai, e outra diz: “Ah, eu tinha 13, 12 anos, não ia pra lado nenhum”¹⁸. Quando essas “regras sociais” não eram obedecidas, havia um certo estranhamento na sociedade, traduzido pela fala de uma cronista: “Fato curioso foi a presença nessa festa de garotas que ainda nem debutaram oficialmente. Uma homenagem à Marinha?!?”¹⁹

Era importante, portanto, que as meninas ainda menores de idade, mas maiores de 15 anos, fossem acompanhadas pelos pais às festas. Todas as entrevistadas afirmam que não tinham a permissão dos pais para irem sozinhas aos bailes. Deviam ser acompanhadas pela família ou, em algumas situações, podiam ir com algumas amigas, sendo a mãe e pai de alguma delas responsáveis pelo grupo e conhecidos da família²⁰.

As preocupações com a sociabilidade também faziam parte das mais importantes recomendações. A diretoria do Clube pedia a colaboração de todos os associados para o cumprimento dessas regras estabelecidas com o intuito de que as “(...) reuniões transcorram dentro do ambiente alegre e socialmente elevado em que vêm sendo efetuadas”²¹. Assim, no baile havia regras a serem seguidas, fossem elas impostas pelo clube ou pela família dos participantes. As regras ditadas pela família faziam parte da educação dada pelos pais a seus filhos. Diziam respeito a como as pessoas deveriam se portar em um lugar público, como se sentar, como comer, como ter uma postura adequada. Isso já vinha de casa²², mas se esses costumes não fossem respeitados dentro do baile haveria quem disciplinasse o local e as pessoas fora do padrão²³. Pessoas com modos impróprios eram repreendidas. Em uma de suas crônicas, “Zicil” ironiza a postura do presidente e do vice-presidente do Clube do Comércio que continuavam “assistindo” aos bailes em vez de dançar, como se eles estivessem

¹⁷ Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 7.

¹⁸ Entrevista de Glacy Serrat Leivas Miranda a Marina Pelissari. Rio Grande, 24 abr. 2008, p. 4.

¹⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 17 out. 1958. Sobre as festas com a participação dos marinheiros se falará a seguir.

²⁰ Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 6.

²¹ *Rio Grande*. Rio Grande, 1 fev. 1956.

²² Entrevista de Glacy Serrat Leivas Miranda a Marina Pelissari. Rio Grande, 24 abr. 2008, p. 9.

²³ Op. cit., p. 10.

observando as atitudes dos presentes²⁴. Mais de um ano depois ela volta a falar dos dois: “Destas vezes o presidente e o vice abusaram da dança. Não há dúvida que a orquestra convenceu mesmo, pois até os ‘fiscais de salão’ esqueceram as funções e entraram na valsa”.²⁵

O traje era fator importante para a participação nas festas. Nos convites publicados nos jornais lia-se, na maioria das vezes, o pedido para o uso do “traje passeio”²⁶ – vestido para as mulheres e terno e gravata para os homens. Nos carnavais pedia-se o uso de fantasia fina e era proibido o uso de “trajes de praia, camiseta de malandro, calças de brim Coringa, bem como outros trajes menos convencionais”²⁷. Vestir-se adequadamente era o que se esperava dos freqüentadores, citados nas crônicas como pessoas elegantes e de bom gosto. As “toilettes”²⁸ usadas pelas senhoras, “senhorinhas”²⁹ e “brotinhos”³⁰ ganhavam grande destaque e eram muito observadas, elogiadas e descritas no jornal. Nas palavras de uma cronista: “Tentarei descrever alguns trajes, dentre os que mais despertaram a atenção”³¹. Depois disso ela dava o nome da moça e descrevia o traje, sempre de maneira elogiosa. Mesmo quando as roupas não podiam ser bem observadas os elogios se faziam presente: “O número elevadíssimo de pares dançando impossibilitou-me observar os trajes, detalhadamente. Contudo posso adiantar que eram belíssimos.”³²

A roupa era tão importante que no final do ano a colunista “Zicil”, da “Crônica Social” do jornal *Rio Grande*, elegia “As Dez Mais Elegantes” do ano³³. “Depois de longa análise, aliás deveras difícil, consegui analisar (sic) a lista das ‘Dez mais elegantes’ senhoras e senhorinhas que se destacaram no ‘society’ desta cidade, durante o ano de 1956”³⁴. As pessoas usavam suas melhores roupas nesses eventos. As mulheres usavam sapatos de salto alto e vestidos esvoaçantes, de tule ou organdi. Uma das entrevistadas conta que faziam vestidos novos a cada sábado.

²⁴ *Rio Grande*. Rio Grande, 8 jan. 1958.

²⁵ *Rio Grande*. Rio Grande, 15 abr. 1959.

²⁶ *Rio Grande*. Rio Grande, 16 jun. 1950; 28 jun. 1950; 16 jul. 1955; 7 fev. 1956.

²⁷ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 fev. 1958.

²⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 5 jan. 1957; 8 jan. 1958; 10 fev. 1958; 23 abr. 1959.

²⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 24 dez. 1956; 23 jan. 1957; 6 fev. 1957; 23 abr. 1957; 16 nov. 1957; 12 dez. 1957.

³⁰ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 out. 1956; 12 dez. 1957.

³¹ *Rio Grande*. Rio Grande, 17 set. 1956.

³² *Rio Grande*. Rio Grande, 17 set. 1956.

³³ *Rio Grande*. Rio Grande, 24 dez. 1956; 12 dez. 1957.

³⁴ *Rio Grande*. Rio Grande, 24 dez. 1956. Com aspas no original.

(...) nós fazíamos aqueles vestidos bem esvoaçantes, aquela saia godê ponche, sapato de salto bem alto, e ficávamos todas ali na frente do Hotel Atlântico, e o Hotel Atlântico era muito chique, tinha umas cadeiras bonitas (...) e aí nós ficávamos, tinha a paquera e tal...³⁵

Nota-se, com esses relatos, mais uma expectativa das mulheres, a de se fazerem sempre belas e bem-vestidas, passando uma imagem de elegância própria de sua época e situação social. Essa idéia é reforçada pelo grande sucesso que faziam os concursos de *miss* nos anos 1950. Durante o ano vários bailes tinham como atração principal esses concursos. Era constante a presença das *misses* da cidade na “crônica social” e o oferecimento de bailes em homenagem a elas. Eram promovidos bailes especialmente para os concursos de “Miss Rio Grande”³⁶, “Miss Elegante Bangu”³⁷, “Miss Cassino”³⁸. Havia também o título de “Brotinho Sensação” da crônica “Tic-tac”³⁹ do jornal *Rio Grande* para a garota que mais se destacasse por sua simpatia, elegância e beleza. O “Miss Bangu” era um concurso promovido pela fábrica de tecidos Bangu⁴⁰. Os tecidos eram dados a “senhorinhas” que se destacavam na sociedade. Cada uma fazia um vestido com esses tecidos e desfilava com ele, concorrendo ao título de “Miss Bangu”. A vencedora de Rio Grande concorria em Porto Alegre e a vencedora de Porto Alegre concorria novamente no Rio de Janeiro⁴¹. Nomes como Magda Libório e Myrtis Bergamaschi – vencedoras em Rio Grande do “Miss Bangu” – e Terezinha Flôres – “Miss Rio Grande 1956” – são constantemente lembrados pelas crônicas como sinônimos de elegância e beleza. Na leitura das crônicas ao longo da década percebe-se que estas moças, pelo menos aparentemente, tornaram-se modelos a serem seguidos por outras meninas do mesmo grupo social. Seus nomes repetem-se, assim como o de outras meninas, sempre ligados a uma determinada imagem, representando tudo o que se

³⁵ Entrevista de Glacy Serrat Leivas Miranda a Marina Pelissari. Rio Grande, 24 abr. 2008, p. 3.

³⁶ *Rio Grande*. Rio Grande, 17 maio 1956; 23 abr. 1957; 27 abr. 1957; 23 abr. 1959.

³⁷ *Rio Grande*. Rio Grande, 16 nov. 1957. Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 3. Entrevista de Carmem Bergamaschi Costa a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 jun. 2008, p. 2.

³⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 17 jan. 1958; 10 fev. 1958.

³⁹ A mesma coluna social existiu no *Rio Grande* com diferentes nomes. Primeiro se chamava “Flash social”, passando depois para “Crônica social” e, por fim, “Tic-tac”. As crônicas estudadas foram escritas por duas colunistas, MyRaz (Mirian Azevedo) e Zicil (Cecília Goldberg), e dizem respeito ao período de 1956 a 1959.

⁴⁰ Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 3. Entrevista de Carmem Bergamaschi Costa a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 jun. 2008, p. 2.

⁴¹ Entrevista de Carmem Bergamaschi Costa a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 jun. 2008, p. 9.

esperava de uma “boa moça” nessa época: eram bonitas, inteligentes, bem-educadas, sabiam conversar, mas ao mesmo tempo eram recatadas e davam-se o respeito.

O namoro, dentro ou fora das festas, também era cheio de regras. Nas festas, o flerte era feito através de códigos⁴² e se desenrolava lentamente. As meninas ficavam de um lado do salão, com suas amigas, e os rapazes ficavam do outro, também com seus amigos⁴³. Eram eles que convidavam as moças pra dançar⁴⁴, mas apenas depois de, através de sinais, saber se elas aceitariam⁴⁵; se elas aceitavam, dançavam duas ou três músicas e voltavam para os seus lugares⁴⁶. Uma das entrevistadas conta que quando elas gostavam de dançar com algum rapaz, mas já estavam dançando com ele há algum tempo, diziam: “Acho que vou sentar, já estou um pouco cansada...”, e eles retrucavam: “Ah, não, vamos dançar mais uma!”⁴⁷. Com isso elas não demonstravam estar “gostando demais” da dança, o que não ficaria bem para uma menina de família. Parece estar sempre presente a preocupação em não ficar “falada”, em manter a boa reputação.

Se um rapaz se tornasse inadequado durante a dança, era esperado que a moça não tolerasse seu comportamento e pedisse, educadamente, licença para se sentar. Depois disso a moça não aceitava mais dançar com ele⁴⁸. Para dançar de rosto colado levava algum tempo e, na maioria das vezes, apenas quando já eram namorados⁴⁹. Não eram permitidos beijos, abraços e “agarramentos”⁵⁰ aos namorados, mas podiam dar-se as mãos. “Ele pegava a tua mão com um jeito especial, dava um apertãozinho na mão... é, tinha uns sinais, né, uns sinaizinhos”.⁵¹

⁴² Entrevista de Carmem Bergamaschi Costa a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 jun. 2008, p. 5. Entrevista de Glacy Serrat Leivas Miranda a Marina Pelissari. Rio Grande. 24 abr. 2008, p. 10.

⁴³ Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 9

⁴⁴ Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 9. Entrevista de Walter Albrecht a Marina Pelissari. Rio Grande, 7 dez. 2007, p. 3.

⁴⁵ Entrevista de Carmem Bergamaschi Costa a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 jun. 2008, p. 5.

⁴⁶ Entrevista de Carmem Bergamaschi Costa a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 jun. 2008, p. 5. Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 9.

⁴⁷ Entrevista de Carmem Bergamaschi Costa a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 jun. 2008, p. 5.

⁴⁸ Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 9

⁴⁹ Entrevista de Glacy Serrat Leivas Miranda a Marina Pelissari. Rio Grande, 24 abr. 2008, p. 10
⁵⁰ Id., *ibid.*, p. 9.

⁵¹ Id., *ibid.*, p. 10.

Bassanezi também fala sobre os limites dos flertes e dos namoros. Ela diz que esse estágio, cheio de galanteios e olhares, visto, por vezes, como um passo que conduziria a algo mais sério, como o namoro e um possível casamento, também poderia não ter continuidade⁵². Mesmo no flerte era recomendado cuidado às mulheres, já que tomar a iniciativa para conquistar um rapaz era condenável. Assim, era preciso encontrar um equilíbrio entre o “não casar” – ou seja, fracassar socialmente – e “se oferecer” demais. Era permitido, para arranjar pretendentes, que as moças utilizassem artifícios pouco explícitos, como estimular a vaidade dos homens, estar sempre de bom humor, vestir-se bem e como *ele* gosta, ser, ao mesmo tempo, amável e indiferente, interessar-se pelo seu trabalho, elogiá-lo⁵³. Era preciso dar a impressão que *ele* a estava conquistando, mesmo que isso não fosse a realidade.

Os bailes eram muito propícios para esse contato maior entre rapazes e moças, obviamente sempre mantendo certa distância. Mas o flerte também ocorria fora dos bailes:

Ah, e a paquera era tão boa... E ele passa na frente da tua casa, pára na esquina... aí tu saía de casa lá pelas tantas e ele dizia: “posso te acompanhar?” [risos]. Nas procissões em que tu ias, eles iam pela calçada, né, paquerando pela calçada. Era interessante.⁵⁴

Os rapazes, quando estavam interessados em alguma garota, costumavam mandar flores. Mandavam flores no dia do *debut*, para dizer que gostariam de dançar com a moça à noite, na festa, ou para agradecer uma dança concedida na noite anterior. As flores vinham acompanhadas de cartões de agradecimento dizendo que tinha sido um prazer dançar com a garota e que se encontrariam no próximo baile⁵⁵. Portanto, era nesses espaços que a sociabilidade se desenvolvia, que os contatos eram feitos, que as pessoas se conheciam e começavam relacionamentos.

Um baile tradicional na agenda social da cidade era o Baile das Debutantes⁵⁶, especialmente o do Clube do Comércio. Realizado ou dia

⁵² BASSANEZI, op. cit., p. 614.

⁵³ Id., *ibid.*, p. 614.

⁵⁴ Entrevista de Glacy Serrat Leivas Miranda a Marina Pelissari. Rio Grande, 24 abr. 2008, p. 10.

⁵⁵ Entrevista de Carmem Bergamaschi Costa a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 jun. 2008, p. 8.

⁵⁶ Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 5. Entrevista de Carmem Bergamaschi Costa a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 jun. 2008, p. 8; *Rio Grande*. Rio Grande, 6 jan. 1958.

31 de dezembro, junto com a comemoração do Ano Novo, ou dia 6 de setembro, aproveitando as comemorações da Independência⁵⁷ era um baile que tinha nas moças sua principal atração e era um grande acontecimento na cidade. As crônicas noticiavam quem seriam as debutantes, os estilistas e modistas, descreviam seus vestidos e elogiavam as meninas que mais se destacavam por sua beleza e simpatia.

A nota máxima da noite foi, sem dúvida alguma, a apresentação das debutantes. Um grupo de graciosas jovens, ostentando lindos vestidos, ultrapassou a expectativa dos presentes. Apresento os cumprimentos às senhorinhas Maria Teresa Silva e Lucy Mendes, que aconteceram “em suspense” abafando de verdade.⁵⁸

As debutantes saíam de um tipo de porta-retrato de neon quando o seu nome era chamado, com uma flor na mão que era entregue a sua mãe⁵⁹. Era um baile solene e importante para as debutantes e para sua família, não só por que a partir desse dia as meninas passariam a ‘fazer parte’ da sociedade, mas também por ser uma oportunidade para cada uma, junto com sua família, mostrar seus atributos, sua beleza, educação, simpatia e, talvez, a sua riqueza.

Debutantes

Desfile de elegância, graça e beleza apresentaram as jovens debutantes à sociedade rio-grandina no baile do “réveillon”. (...) A opinião geral é que jamais um conjunto de meninas-moças esteve tão homogêneo em luxo e encanto como nas debutantes de 1957.⁶⁰

Percebe-se que as cronistas, além de mostrarem a sua própria opinião sobre os bailes ou sobre seus freqüentadores, também fazem desse julgamento uma opinião unânime. Expressões como “a opinião geral”, do trecho citado acima, são recorrentes e mostram como a cronista fala – ou pensa falar – por todo um grupo de pessoas que freqüentam estas festas.

Outro baile que movimentava a cidade e chamava a atenção das meninas, principalmente as solteiras, eram os bailes promovidos em homenagem aos navios da Marinha que visitavam a cidade por alguns

⁵⁷ Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 5. Entrevista de Walter Albrecht a Marina Pelissari. Rio Grande, 7 dez. 2007, p. 4.

⁵⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 5 jan. 1957.

⁵⁹ Entrevista de Carmem Bergamaschi Costa a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 jun. 2008, p. 2.

⁶⁰ *Rio Grande*. Rio Grande, 6 jan. 1958.

dias⁶¹. Esses navios, como o *Custódio de Mello*⁶² e o *Tamandaré*⁶³, ficavam na cidade três ou quatro dias⁶⁴ e eram recebidos com muita pompa pelos clubes e pelo Capitão dos Portos⁶⁵. Havia uma relação de cordialidade entre os oficiais e os rio-grandinos e sempre que os navios estavam na cidade grandes festas aconteciam. Além dos bailes nos clubes, os próprios oficiais ofereciam festas nos navios⁶⁶. Essas festas são sempre descritas como muito glamorosas, com música e comida de qualidade e sempre concorridas⁶⁷.

Na noite de domingo realizou-se o grandioso baile na Sociedade Amigos do Cassino. Como só o número dos marujos visitantes é suficiente para lotar qualquer Clube, a S.A.C. esteve concorridíssima e o baile sempre animado.⁶⁸

Segundo as fontes pesquisadas esses visitantes eram recebidos muito bem, principalmente pelas “senhorinhas”. Os bailes ficavam repletos de “moças casadoiras” e de brotinhos procurando um namorado ou até um marido⁶⁹. “Eram festas maravilhosas, claro que naquela época nós íamos todo mundo de olho nos oficiais né, as gurias...”⁷⁰. Quem não gostava muito dessas visitas eram os rapazes. Segundo as entrevistadas os namorados ficavam furiosos e muitos não iam aos bailes⁷¹. Alguns, porém, viam com ironia o “assanhamento”⁷² das meninas. Em uma crônica de setembro de 1959 foi publicada uma

⁶¹ Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 14. Entrevista de Glacy Serrat Leivas Miranda a Marina Pelissari. Rio Grande, 24 abr. 2008, p. 11. Entrevista de Carmem Bergamaschi Costa a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 jun. 2008, p. 4.

⁶² *Rio Grande*. Rio Grande, 13 out. 1958, 20 out. 1958.

⁶³ *Rio Grande*. Rio Grande, 27 jan. 1959.

⁶⁴ Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 14.

⁶⁵ Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 14. Entrevista de Carmem Bergamaschi Costa a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 jun. 2008, p. 4.

⁶⁶ Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 14.

⁶⁷ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 out. 1958; 17 out. 1958; 20 out. 1958; 14 jan. 1959; 21 jan. 1959; 27 jan. 1959. Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 14-15.

⁶⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 22 jan. 1959.

⁶⁹ Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007, p. 14-15.

⁷⁰ Id., *ibid.*, p. 14.

⁷¹ Id., *ibid.*, p. 14.

⁷² Id., *ibid.*, p. 15.

nota com a frase de um rapaz por ocasião da visita do navio Custódio de Mello na cidade, ela diz: “Um dos rapazes de maior projeção entre as garotas comentou com os amigos: – Eu estava mesmo precisando repousar um pouco, assim vou aproveitar a chegada dos marinheiros para fazer um retiro.”⁷³ Mesmo que o “assanhamento” das meninas fosse algo sabido por todos, ainda havia tentativas de se preservar uma imagem de respeito, percebidas tanto nas crônicas quanto nos depoimentos.

Diante de todas as regras, comportamentos e expectativas descritas acima se pode perceber que em Rio Grande – assim como no resto do país – essa era uma época na qual os valores e a moral tinham grande importância. Quando estes não eram seguidos de acordo com o que uma maioria julgava adequado, notava-se grande discriminação.

Ao ser analisado com os olhos de outra época – a atual – o passado às vezes é entendido como muito fechado e pouco tolerante. Ao se referirem, por exemplo, a uma senhora que era viúva na década de 1950 e que mesmo assim tinha uma vida social ativa, freqüentava os Clubes e os bailes, algumas entrevistadas dissertam sobre como na época ela era, por vezes, olhada com maus olhos, criticada por não ficar em casa “chorando a morte do marido”. Agora essa senhora é lembrada como uma mulher “um passo à frente”, uma “desbravadora de costumes”⁷⁴.

A fala de uma entrevistada mostra, ainda, como era preciso “andar na linha” para não ficar “falada”:

Porque tudo falavam mal, tinha aquela história, falam mal. Mas eu cortei aquela história do falam mal [inaudível], então não vou a nada! Se sair de noite falam mal, se tu vais com duas ou três amigas numa festa falam mal, se vai no cinema com as amigas falam mal, se tu vem pra casa uma hora da madrugada falam mal de ti! [risos] Eu não fazia nada!⁷⁵

O tom desse trecho do depoimento mostra como nem todas aceitavam passivamente as regras impostas. As normas de bom comportamento estavam ali para serem seguidas, quem não obedecesse era, no mínimo, recriminado, mas isso não quer dizer que era proibido reclamar e discordar delas.

Tendo Rio Grande como foco, o olhar e as lembranças sobre o passado oscilam entre a saudade e a contrariedade. Às vezes lembrada como um passado idílico, no qual as pessoas se respeitavam mais e

⁷³ *Rio Grande*. Rio Grande, 14 set. 1959.

⁷⁴ Entrevista de Glacy Serrat Leivas Miranda a Marina Pelissari. Rio Grande. 24 abr. 2008, p. 3.

⁷⁵ Id., *ibid.*, p. 5.

prezavam os “bons costumes”, essa época é vista, também, como eivada de pensamentos retrógrados e costumes rígidos demais.

Assim, nota-se que o papel da mulher na sociedade rio-grandina está intrinsecamente ligado aos costumes de uma época. O seu comportamento nos bailes estende-se para o restante de sua vida social e diz respeito a como uma mulher deve portar-se em público. A moral e os bons costumes, o “dar o respeito” eram valores muito importantes e que tinham nas mulheres seus principais alvos, já que os homens tinham mais liberdade. As expectativas de comportamento e as regras nos bailes e no resto da sociedade – aceitos ou não – balizavam a vida das mulheres dos anos 50.

FONTES

Entrevistas

Entrevista de Walter Albrecht a Marina Pelissari. Rio Grande, 7 dez. 2007.

Entrevista de Luiz Carlos Perez Tarta a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 mar. 2007.

Entrevista de Carmem Bergamaschi Costa a Marina Pelissari. Rio Grande, 17 jun. 2008.

Entrevista de Glacy Serrat Leivas Miranda a Marina Pelissari. Rio Grande. 24 abr. 2008.

Entrevista de Marlene De La Rocha Arruda e Eneida Dourado Trapaga a Marina Pelissari. Rio Grande, 18 dez. 2007.

Entrevista de Gilson Constantino a Marina Pelissari. Rio Grande, 27 mar. 2007.

Jornais

Rio Grande. Rio Grande, 16 jun. 1950.

Rio Grande. Rio Grande, 28 jun. 1950.

Rio Grande. Rio Grande, 16 jul. 1955.

Rio Grande. Rio Grande, 1 fev. 1956.

Rio Grande. Rio Grande, 7 fev. 1956.

Rio Grande. Rio Grande, 17 maio 1956.

Rio Grande. Rio Grande, 12 out. 1956.

Rio Grande. Rio Grande, 24 dez. 1956.

Rio Grande. Rio Grande, 5 jan. 1957.

Rio Grande. Rio Grande, 23 jan. 1957.

Rio Grande. Rio Grande, 6 fev. 1957.

Rio Grande. Rio Grande, 23 abr. 1957.

Rio Grande. Rio Grande, 27 abr. 1957.

Rio Grande. Rio Grande, 16 nov. 1957.
Rio Grande. Rio Grande, 12 dez. 1957.
Rio Grande. Rio Grande, 6 jan. 1958.
Rio Grande. Rio Grande, 8 jan. 1958.
Rio Grande. Rio Grande, 17 jan. 1958.
Rio Grande. Rio Grande, 10 fev. 1958.
Rio Grande. Rio Grande, 12 fev. 1958.
Rio Grande. Rio Grande, 13 out 1958.
Rio Grande. Rio Grande, 17 out. 1958.
Rio Grande. Rio Grande, 20 out. 1958.
Rio Grande. Rio Grande, 14 jan. 1959.
Rio Grande. Rio Grande, 21 jan. 1959.
Rio Grande. Rio Grande, 22 jan. 1959.
Rio Grande. Rio Grande, 27 jan. 1959.
Rio Grande. Rio Grande, 15 abr. 1959.
Rio Grande. Rio Grande, 23 abr. 1959.
Rio Grande. Rio Grande, 14 set. 1959.

REFERÊNCIAS

- BASSANESI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- BITTENCOURT, Ezio. *Da rua ao teatro – os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional (Panorama da história de Rio Grande)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2001.
- ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos de Estudo*, Porto Alegre, PPGH/UFRGS, n. 13, dez. 1995.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANKSÓ, István; KANTOR, Iris. *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: EdUSP, 2001. v. 2.
- JANCSÓ, István; KANTOR, Íris. Falando de festas. In: _____. *Festa – cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Edusp, 2001. v. 1.
- JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- LIMA, Laura Ferrazza. Os anos dourados desfilam: influências estrangeiras e criação de moda nacional. Revista “O Cruzeiro” (1950-1954). In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 8. *Anais...* ANPUH-RS, Caxias do Sul, 2006.
- MARTINS, Solismar Fraga. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873–1990)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Anos JK: margens da modernidade*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Rio de Janeiro: Casa de Lúcio Costa, 2002.

MONTEIRO, Charles. A cidade em busca da modernidade: fotorreportagens sobre Porto Alegre na “Revista do Globo” (1950-60). In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 7. *Anais*. ANPUH-RS, Pelotas, 2004.

_____. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, jan.-jun. 2007.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto, 2001.

ORTIZ, Renato. Cultura e sociedade. In: ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ROSA, Maria Cristina; PIMENTEL, Giuliano; QUEIRÓS, Ilse. *Festa, lazer e cultura*. Campinas: Papirus, 2002.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.